

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA AMBIENTAL, LAJEDO – PE**ALFABETIZACIÓN CARTOGRÁFICA: UN RELATO DE EXPERIENCIA EN LA ESCUELA AMBIENTAL, LAJEDO – PE****CARTOGRAPHIC LITERACY: AN EXPERIENCE REPORT AT THE ENVIRONMENTAL SCHOOL, LAJEDO – PE**

Recebido em: 23/08/2024

Aceito em: 10/10/2024

Publicado em: 28/10/2024

Julio César Felix da Silva¹
Edvânia Torres Aguiar Gomes²

Resumo: O processo de ensino/aprendizagem dos conceitos espaciais e da sua representação cartográfica não é uma tarefa fácil para os professores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois o professor deve assimilar e compreender os conceitos geográficos e os fundamentos onde estão calcadas as primeiras noções relacionadas à cartografia escolar. Somam-se a isso as limitações da formação dos professores no tocante a conhecimentos que os habilitem a desenvolver procedimentos metodológicos claros e completos voltados para o processo de alfabetização cartográfica, implicando fragilidades no ensino/aprendizagem da cartografia escolar. Diante desse contexto, a ideia desse artigo é socializar uma prática geográfica desenvolvida em sala de aula no âmbito da alfabetização cartográfica, realizada com uma turma multisseriada do 1º ao 3º Ano e uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental na Escola Ambiental no município de Lajedo – PE. Por esse motivo, o presente texto faz uma breve abordagem teórica sobre a linguagem e alfabetização cartográfica, a qual orientou a proposição da prática pedagógica presente de forma pormenorizada na segunda parte do texto.

Palavras-chave: Cartografia Escolar; Linguagem Cartográfica; Alfabetização Cartográfica; Mapas.

Resumen: El proceso de enseñanza/aprendizaje de los conceptos espaciales y su representación cartográfica no es una tarea fácil para los profesores en los Primeros Años de la Educación Primaria, ya que el docente debe asimilar y comprender los conceptos geográficos y los fundamentos en los que se basan las primeras nociones relacionadas con la cartografía escolar. A esto se suman las limitaciones de la formación de los docentes en cuanto a conocimientos que les permitan desarrollar procedimientos metodológicos claros y completos orientados al proceso de alfabetización cartográfica, lo que implica debilidades en la enseñanza/aprendizaje de la cartografía escolar. Ante este contexto, la idea de este artículo es socializar una práctica geográfica desarrollada en el aula en el ámbito de la alfabetización cartográfica, realizada con un grupo multiseriado del 1º al 3º Año y un grupo de 4º Año de la Educación Primaria en la Escuela Ambiental del municipio de Lajedo – PE. Por esta razón, el presente texto hace un breve abordaje teórico sobre el lenguaje y la alfabetización cartográfica, que orientó la propuesta de la práctica pedagógica presente de forma detallada en la segunda parte del texto.

Palabras clave: Cartografía Escolar; Lenguaje Cartográfico; Alfabetización Cartográfica; Mapas.

¹ Professor de Geografia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Santana do Ipanema. Aluno do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: juliocesar.felix@hotmail.com

² Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: edvaniatorresaguiar@hotmail.com

Abstract: The teaching/learning process of spatial concepts and their cartographic representation is not an easy task for teachers in the initial years of elementary school, once the teacher must assimilate and understand the geographic concepts and the basics on which the first notions related to school cartography are based. Furthermore, teachers' formation limitations in relation to knowledge, which enable them to develop clear and complete methodological procedures aimed at the cartographic literacy process, implying weaknesses in the teaching/learning of school cartography. Because of this, the idea of this article is to socialize a geographic developed practice in the classroom within the scope of cartographic literacy, done with a multi-grade class from the 1st to the 3rd grade and a 4th grade class of elementary school at the Environmental School in the city of Lajedo - PE. For that reason, this text provides a brief theoretical approach to cartographic language and literacy, which guided the proposal for the pedagogical practice presented in a very detailed way in the second part of the text.

Keyword: School Cartography; Cartographic Language; Cartographic Literacy; Maps;

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica tem como objeto de estudo o espaço geográfico, o qual corresponde à totalidade da superfície terrestre. O espaço geográfico consiste num conjunto indissociável de sistemas de objetos (sociais e naturais) e sistemas de ações (SANTOS, 2012). Os objetos que formam o espaço geográfico possuem uma disposição, e a maneira como estão dispostos constituem a organização espacial.

A organização espacial pode ser apreendida por geógrafos e/ou cartógrafos e representada através do mapa. O mapa é um elemento facilitador e imprescindível para a investigação dos fenômenos espaciais. Sendo assim, Geografia e Cartografia são dois ramos do conhecimento que caminham juntos, pois a Cartografia é a ciência da representação gráfica da superfície terrestre (objeto de estudo da geografia), tendo como produto final o mapa.

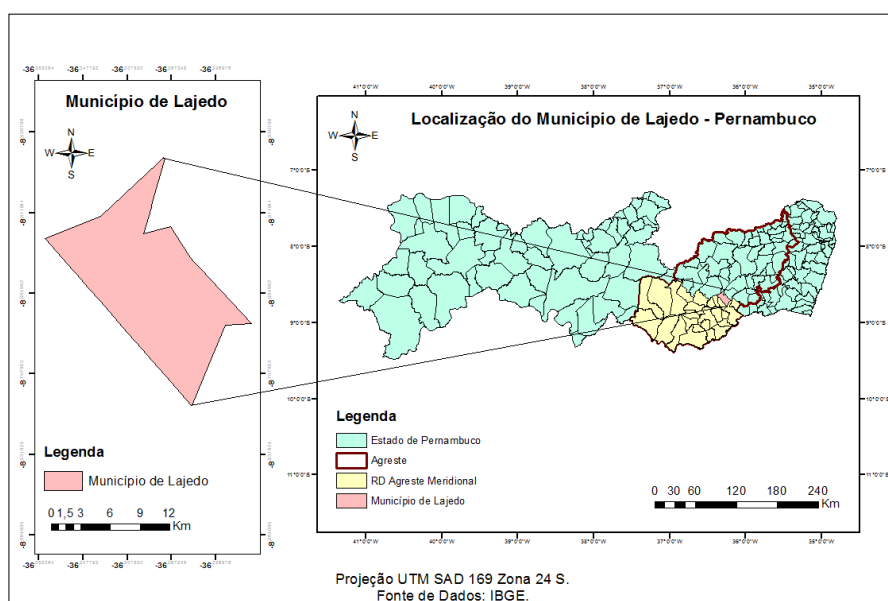
O mapa é um recurso metodológico muito utilizado nas escolas, principalmente nas aulas de Geografia, pois sua linguagem é capaz de reunir informações e conhecimentos que fornecem subsídios para os alunos entenderem determinados fenômenos espaciais. No entanto, o grande desafio do uso de mapas no contexto escolar é o processo de alfabetização cartográfica, pois muitas vezes os mapas são utilizados pelos professores somente para mostrar a mera localização de determinados lugares. Ao contrário disso, os professores precisam desenvolver ações didáticas no ensino/aprendizagem de mapas que estimulem a reflexão e a compreensão da linguagem cartográfica, pois existem caminhos metodológicos que favorecem a aquisição de conhecimento referente à linguagem cartográfica, sendo um deles a organização espacial, a qual pode ser apreendida e representada por crianças em formas de desenhos, croquis, maquetes, a partir do espaço vivido, percebido e concebido por ela.

Em consonância com a proposta supramencionada, inicialmente, apresenta-se a Escola Ambiental de Lajedo e delinea-se o caminho metodológico utilizado na elaboração da aula sobre o tema em tela. Posteriormente, faz-se uma breve abordagem dos aspectos teóricos que orientaram a prática pedagógica realizada na Escola Ambiental de Lajedo, discutindo a temática referente à linguagem cartográfica e ao processo de alfabetização cartográfica. Em seguida, o texto discorre sobre a experiência vivenciada em sala de aula, pormenorizando as ações e os procedimentos utilizados durante as aulas sobre alfabetização cartográfica ministradas na Escola Ambiental. Encerramos esse relato de experiência com algumas constatações pontuais acerca do processo de ensino/aprendizagem a partir do que foi realizado e observado em sala de aula nas duas turmas.

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NA ESCOLA AMBIENTAL: ASPECTOS METODOLÓGICOS

O Centro de Educação Ambiental de Lajedo – CMEA ou Escola Ambiental de Lajedo (nome fantasia) está localizado no Sítio Serrote, ao lado do aterro sanitário, no município de Lajedo – PE (Mapa 1), distando cerca de 10 km do centro da cidade. Em parceria com o Aterro Sanitário e vinculada à Secretaria de Educação do Município de Lajedo, a Escola Ambiental vem realizando desde o ano de 2009 um trabalho pioneiro e de referência no Estado de Pernambuco.

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LAJEDO – PE.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

A Escola Ambiental é um espaço de visitação que atende um público muito diversificado, ministrando aulas teóricas, práticas e de campo para alunos do Ensino Fundamental, Médio e até formação para professores do município de Lajedo e do Agreste Meridional e Central.

Para a realização das suas atividades, a Escola Ambiental conta com o transporte público cedido pela prefeitura da cidade de Lajedo, disponibilizado a partir do envio de ofício para a Secretaria de Educação para as escolas da rede municipal e estadual de Lajedo. A rede privada de ensino do município e outras municipalidades precisam ter veículo para realizar o deslocamento até a Escola Ambiental, seja ele próprio ou autocusteadado.

A Escola Ambiental desenvolve projetos socioambientais de sensibilização, palestras e/ou aulas em seu prédio, ou em escolas municipais e estaduais de Lajedo quando convidada. O leque de atividades da Escola Ambiental é muito diversificado, abordando temas como o uso sustentável da água, a formação, constituição do solo e técnicas para evitar a sua erosão, tipos de rochas, as problemáticas decorrentes do lixo urbano e a importância do aterro sanitário, o bioma caatinga, alfabetização cartográfica, entre outros (inclusive a pedido das escolas visitantes), que são abordados de forma teórica, prática e/ou com aula de campo.

A partir da inquietação do professor de Geografia da Escola Ambiental, frente à dificuldade da realização da leitura de mapas apresentada por muitos estudantes que visitaram a escola (que sinaliza a fragilidade da cartografia escolar), foi realizada a Semana de Cartografia, preconizando como público-alvo alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Participaram da Semana da Cartografia duas turmas de escolas do município de Lajedo. Uma turma multisseriada do 1º ao 3º Ano do Ensino Fundamental da Escola Manoel Marcelino, do povoado Pau Ferro, localizada no campo, e a turma do 4º Ano do Ensino Fundamental do Instituto Presbiteriano Rev. Luiz de França (IP), instituição privada situada na cidade de Lajedo.

A ideia das atividades da Semana de Cartografia foi iniciar o processo de alfabetização cartográfica a partir de uma abordagem teórica e prática numa perspectiva construtivista. Ademais, visando dar continuidade ao processo de cotejamento de alfabetização cartográfica, também se buscou orientar os docentes a continuarem com a realização de propostas didáticas que contribuam com a aprendizagem da linguagem cartográfica. Para essa feita, com o objetivo de entendermos a temática e planejarmos a proposta didática da aula, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico a partir da consulta de livros relacionados à cartografia escolar, mapas e alfabetização cartográfica.

Após a leitura dos textos, decidiu-se elaborar a proposta didática da aula orientada pelo livrinho rosa das autoras Rosângela Almeida e Elza Passini, intitulado de “O espaço geográfico: ensino e representação”, as quais dizem que a leitura de mapas inicia-se com a decodificação. Segundo o dicionário, significa “interpretar o sentido de uma palavra ou frase expressa numa linguagem feita por códigos (verbais ou não verbais)”. No caso da linguagem cartográfica, decodificar significa entender os códigos, ou melhor, os signos que constituem a linguagem semiótica dos mapas, como o título, a legenda, a escala (gráfica e/ou numérica). Nem todos esses elementos foram trabalhados completamente na aula, mas foram apresentados para apreensão de noções dessa simbologia.

LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

Um mapa é uma representação do espaço geográfico ou de parte dele. Sendo o espaço geográfico o objeto de estudo da Geografia, o mapa é uma ferramenta importantíssima no processo de ensino/aprendizagem da Geografia nas escolas. A relevância dos mapas nas aulas de Geografia advém da sua capacidade de reunir e sintetizar informações e conhecimentos do espaço geográfico, desde a rua onde está localizada a escola do aluno até a totalidade da superfície terrestre.

Apesar da sua importância, na maioria das escolas os mapas ficam guardados na sala dos professores, bibliotecas, laboratórios e às vezes um mapa fica exposto em um mural, tornando a linguagem cartográfica distante e estranha para os alunos. Em razão disso, a leitura e o entendimento dos mapas tornam-se um exercício complexo e laborioso para muitos alunos, já que o contato com esse instrumento se dá esporadicamente ao longo das aulas de Geografia. Além da dificuldade de acesso aos mapas, muitas vezes os professores exercem o ensino da cartografia a partir de uma perspectiva didática tradicional, instruindo os alunos a confecção de contornos, decalques e/ou a localizar lugares ou mercadorias nos mapas. Atividades que, ao longo do tempo, tornam-se cansativas e que não levam o aluno a refletir e entender a linguagem cartográfica. No que tange à linguagem cartográfica, segundo Almeida e Passini (2011, p. 15),

O mapa é uma representação codificada de um determinado espaço real. Podemos chamá-lo de um modelo de comunicação, que se vale de um sistema semiótico complexo. A informação é transmitida por meio da linguagem cartográfica que se utiliza de três elementos básicos: sistema de signos, redução e projeção.

Em outros termos, o mapa é uma forma de comunicação com uma linguagem particular, construída com um sistema de símbolos e signos, enfim, elementos que constituem a linguagem cartográfica. “A linguagem cartográfica estrutura-se em símbolos e signos, e é compreendida como um produto da comunicação visual que dissemina informação espacial” (CASTELLAR, 2014, p. 125).

Para conseguir alfabetizar cartograficamente o aluno, o professor não pode simplesmente utilizar mapas de realidades distantes, faz-se necessário levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e a sua diversidade cultural. Buscar aproximar o máximo possível suas ações didáticas do espaço vivido, percebido e concebido pelo aluno, pois é a partir da sua realidade que o aluno vai dominando os conceitos espaciais e aprimorando o entendimento acerca da linguagem cartográfica.

De acordo com Castellar (2014, p. 127), “No processo de alfabetização cartográfica, a linguagem cartográfica estabelece um novo referencial no tratamento dos mapas em sala de aula, que passam a ser lidos e compreendidos pelo aluno, e relacionados à realidade vivida e concebida por ele”. Sendo assim, “Ensinar a ler em Geografia significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido, utilizando-se da cartografia como linguagem, efetivando-se o letramento geográfico” (CASTELLAR, 2014, p. 123).

Entende-se por letramento cartográfico o processo de aprendizagem da linguagem cartográfica, de todo um sistema de símbolos e signos presentes nos mapas. Destarte, o letramento cartográfico é condição necessária para a alfabetização cartográfica e, para que os alunos compreendam a linguagem cartográfica, faz-se necessário o desenvolvimento de propostas didáticas construtivistas, isto é, que oportunizem situações e atividades que levem o aluno a realizar ações codificadoras, pois, desenvolvendo a habilidade de codificar, naturalmente também conseguirá adquirir a capacidade de decodificar, e assim interpretar o sentido do sistema de símbolos e signos dos mapas.

Na perspectiva da didática da Geografia, propomos, então, ações que estimulem o desenho, a grafia de formas geométricas, a criação de símbolos e signos na educação básica, incluindo a educação infantil, desenvolvendo no aluno a capacidade cognitiva para interpretar os lugares a partir da descrição, comparação, relação e síntese de mapas e croquis (CASTELLAR, 2014, p. 123).

No caso da proposta de elaboração de desenhos, tudo que o aluno desenha é o significativo (codificação), ao passo que o significado é aquilo que a criança pensa

(decodificação). Quando o aluno consegue distinguir o significante do significado, a legenda do mapa será compreendida e o aluno conseguirá traduzir os signos utilizados para designar os fenômenos espaciais, objetos e lugares da realidade representada no mapa. Os desenhos são representações gráficas ou mapas mentais elaborados a partir da memória do aluno (CASTELLAR, 2014), a qual é adquirida a partir da realidade vivida, percebida e concebida, podendo partir do próprio corpo e/ou do seu entorno material e cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro momento da aula, buscou-se familiarizar os alunos com os mapas, aproximando o conteúdo da realidade vivenciada por eles. Por essa razão, começou-se a apresentar uma imagem de um desenho animado muito assistido por crianças da faixa etária da idade deles, “Dora, a aventureira” (Figura 1).

FIGURA 1 – DESENHO ANIMADO DORA, A AVENTUREIRA.



Fonte: <https://reidodownloadferoz1.blogspot.com/2014/08/dora-aventureira-1-8-temporada-dublado.html?m=1>, 2024.

Tendo-se apresentado à imagem da “Dora, a Aventureira”, imediatamente muitos alunos já começaram a comentar, dizendo que assistiam ou que gostavam do desenho animado. Então, partindo dessa afinidade, questionou-se sobre qual era o papel da personagem, quem era o seu amigo (o Botas) e o que ela fazia quando precisava de ajuda, e praticamente todos responderam: do mapa. Imediatamente, começou-se a cantarolar a música do desenho animado e todos acompanharam: “sou um mapa, sou um mapa!”. Após o cantarolar, questionou-se: “Por que o

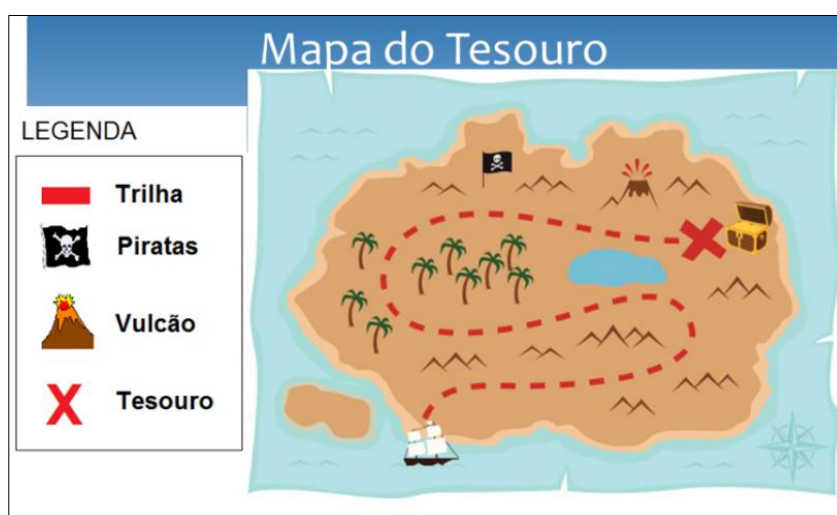
DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

mapa era importante para a Dora?” e “Como ela utilizava o mapa?”. Surgiram respostas como “ela consegue se achar” ou ainda “ela consegue ver o caminho certo”. A partir daí, a aula enveredou sobre o princípio de localização, que a mesma só era possível porque o mapa era um desenho (representação) da floresta. Alguém desenhou a floresta e esse desenho era chamado de mapa. Logo após esse comentário, destacou-se para os alunos que eles iriam primeiro conhecer alguns tipos de mapas e depois fazer um mapa durante a aula, gerando muita empolgação, pois além de fugir do convencional, aprender a desenhar um mapa como o da Dora seria extraordinário.

Aproveitando o mote do mapa da Dora, foi apresentado para os alunos (a partir da projeção do datashow) um mapa do tesouro (Figura 2), com a finalidade de conhecerem e entenderem a finalidade da legenda.

FIGURA 2 – MAPA DO TESOIRO.



Fonte: Slide utilizado na aula de alfabetização cartográfica, 2015.

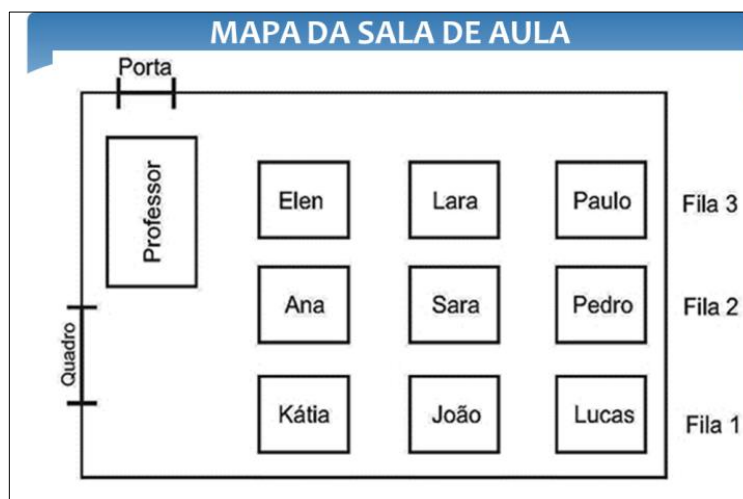
A princípio, foi sublinhado que todo mapa possui um título, apontando para o título e pedindo para eles fazerem a leitura em voz alta. Logo após a leitura do título, mostrou-se o mapa e ao seu lado a legenda, a qual traduz o significado de cada elemento do mapa. Assim, começou-se a questionar o que eram alguns dos elementos que apareciam no mapa, por exemplo, os traços vermelhos, o vulcão. Após responderem de forma correta, indagou-se como eles sabiam o significado de cada elemento, mencionaram que olhando para a legenda.

Sabendo que os alunos entenderam a função da legenda, buscou-se apresentar outros “mapas” para potencializar esse conhecimento. E entendendo que “O professor deve estar

consciente de que o espaço próximo para ser analisado precisa ser abordado em sua relação com outras instâncias espacialmente distantes. Nesse processo, a realidade é o ponto de partida e de chegada” (ALMEIDA; PASSINI, 2011, p. 12-13). Buscou-se cotejar gradualmente alguns tipos de mapas ao longo da aula teórica, para logo após na atividade prática retornar para a realidade, especificamente para o eu, o corpo do aluno.

Ao longo da aula teórica, outro mapa que corroborou o entendimento da legenda, foi o da sala de aula (Figura 3), pois esse permitiu fazer questionamentos a respeito da localização dos alunos que estavam na fila, iniciando a noção de lateralidade, a partir de perguntas relacionadas à direita e à esquerda, por exemplo, quem é a aluna que está “à direita de Ana?”.

FIGURA 3 – MAPA DA SALA DE AULA.



Fonte: Slide utilizado na aula de alfabetização cartográfica, 2015.

No tocante às respostas dadas aos questionamentos sobre a localização dos alunos nas filas da figura 3, as respostas foram corretas, mas quando se enveredou para perguntas relacionadas à noção de lateralidade, perguntas relacionadas à direita e esquerda, à frente e atrás, por exemplo, “Qual aluno está à esquerda de Pedro?”, “Qual aluna está à direita de Kátia?”. O grau de dificuldade aumentou, e naturalmente houve alguns equívocos de ambas as turmas, talvez pelo posicionamento da imagem que exige uma reflexão no tocante ao ordenamento dos alunos a partir do professor, devendo tomá-lo como referência para somente após constatar a localização dos alunos. Esses equívocos sinalizaram que os professores ainda não tinham trabalhado com as crianças o princípio de lateralização de forma clara e completa. A partir dos 5 a 7 anos de idade, as crianças devem gradualmente ter consciência do seu corpo

e distinguir as partes, identificando-as ainda como direita e esquerda. Nesse processo, segundo Almeida e Passini (2011, p. 30) “[...] o professor deve ajudar a criança a lateralizar-se, isto é, tomar consciência de seu predomínio lateral para a direita ou para a esquerda”.

Após a exposição do mapa da sala de aula, foram apresentados mapas com escalas geográficas crescentes, de um bairro da cidade de Lajedo, o mapa da cidade e o do município de Lajedo, o mapa de Pernambuco destacando alguns municípios, o mapa das mesorregiões de Pernambuco, o mapa político do Brasil distinguindo as regiões, e por fim, o mapa mundi diferenciando os continentes. O propósito dessa abordagem de mapas foi continuar reforçando os elementos já apreendidos nos mapas anteriores, no caso, o título e a legenda, e, ao mesmo tempo, fazer com que gradativamente os alunos percebessem que qualquer lugar do planeta Terra (espaço geográfico) é passível da elaboração de um mapa, independentemente do tamanho territorial (escala).

Ao término da exposição dialogada dos mapas, deram-se início às atividades práticas, retornando ao aluno (ponto de partida e de chegada). Foram realizadas duas atividades propostas por Almeida e Passini (2011), “Banho de papel” e “Mapear o eu”, as quais levam os alunos a adquirirem a pré-aprendizagem das noções espaciais.

A primeira atividade prática realizada foi o “Banho de papel”, que consiste na simulação de cada aluno estar tomando um banho, fazendo o uso de uma folha de papel amassada, fingindo ser um sabonete. O objetivo dessa atividade foi “[...] levar o aluno a identificar as partes do próprio corpo, antes mesmo de ‘mapeá-lo’, isto é, projetá-lo no papel” (ALMEIDA; PASSINI, 2011, p. 50). Cada aluno recebeu uma folha de papel jornal (Foto 1), a qual foi amassada em forma de bolinha.

FOTO 1 – ALUNOS DA ESCOLA MANOEL MARCELINO RECEBENDO INSTRUÇÕES DO “BANHO DE PAPEL”.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

Feito isso, comunicou-se o nome da atividade e que eles iriam fingir estar tomando banho e que a bolinha de papel seria o sabonete, e conforme as orientações fossem dadas, eles deveriam fazer os movimentos de esfregar o corpo com o “sabonete” (Foto 2): esfregar o joelho esquerdo, esfregar a orelha direita, esfregar o pé esquerdo, esfregar a parte da frente da nuca, entre outros comandos que foram dados. O momento foi de muita descontração e também de dúvidas, pois a princípio muitos tiveram que olhar para os colegas ou perguntar aos professores acompanhantes qual era a parte do corpo direita e esquerda. Entretanto, na medida em que a atividade se prolongava, percebeu-se que sozinhos já conseguiam fazer a distinção de direita e esquerda. “Esta atividade, por usar estimulação tátil, leva a criança a sentir, e, portanto, gravar em sua memória corporal as partes e lados do corpo” (ALMEIDA; PASSINI, 2011, p. 51).

FOTO 2 – ALUNOS DO INSTITUTO PRESBITERIANO DESENVOLVENDO O “BANHO DE PAPEL”.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

A segunda atividade, denominada de “Mapear o eu”, leva o aluno a mapear o próprio corpo, tomando consciência dos lados do seu corpo, estatura, posição dos seus membros. Simultaneamente, o aluno vai aprimorando seus conhecimentos de lateralidade e proporcionalidade, de vez que ele preconiza a relação entre o concreto (o seu corpo) e a representação (o desenho), noção que é uma condição necessária para apreensão de outras representações espaciais. “A finalidade do mapa do corpo é fazer com que, por meio da projeção de seu corpo no plano, o aluno obtenha uma representação de si mesmo em tamanho real e com a identificação de seus lados” (ALMEIDA, 2014, p. 44).

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

FOTO 3 – ALUNA DA ESCOLA MANOEL MARCELINO CONTORNANDO A COLEGA DA TURMA.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

FOTO 4 – ALUNOS DO IP REALIZANDO O MAPEAMENTO DO CORPO.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

Para a realização dessa atividade, foram necessários os seguintes materiais: folhas de papel madeira, giz de cera, lápis comum e fita durex (para juntar duas folhas de papel madeira). A execução da atividade se dá a partir do momento em que o aluno se deita sobre a folha de papel madeira, enquanto um colega faz o contorno do seu corpo, da cabeça aos pés. Feito isso, os papéis se invertem. Cada aluno desenhará as partes do seu corpo (nariz, olho, entre outros) e itens que está vestindo ou utilizando (short, calça, relógio, brincos, pulseiras). Enquanto fazem esse desenho, estão desenvolvendo a noção de proporcionalidade, já que cada elemento que vai sendo desenhado deve respeitar a proporção do contorno do corpo e dos demais elementos já

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

desenhados. De acordo com Almeida e Passini (2011), o mapeamento a dois proporciona o autoconhecimento e a integração social. Após esse momento, os alunos foram orientados a criar um título e uma legenda de cores para as roupas, os objetos e o corpo (Fotos 5 e 6).

FOTO 5 – PROFESSORA E ALUNO APRESENTANDO O MAPA DO AMIGO.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

FOTO 6 – MAPA DE UM ALUNO DO IP.



Fonte: <https://escolambientalajedo.blogspot.com/2015/04/>, 2015.

Ao término da atividade, cada aluno levou o seu mapa para casa e as professoras foram orientadas a continuarem o processo de alfabetização cartográfica, a partir de atividades como

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i1.263>

ISSN: 2447-0244

desenho da sala de aula, da rua onde cada aluno mora, do percurso que o aluno faz de casa para a escola, e mais adiante a produção de maquetes da própria sala de aula, escola, rua ou até do bairro em que reside. O desenho das crianças é um sistema de representação de objetos que constituem o espaço geográfico, feito a partir da percepção e interpretação da criança por meio da linguagem gráfica (ALMEIDA, 2014). Quanto à produção de maquetes, foi sugerida, pois é uma atividade que “[...] favorece a passagem da representação tridimensional para a bidimensional, por possibilitar o domínio visual do espaço a partir de modelo reduzido (ALMEIDA, 2014, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das aulas, constatou-se que ambas as turmas estão desenvolvendo um processo de alfabetização cartográfica. Nitidamente, notou-se que a turma multisseriada do 1º ao 3º Ano da Escola Marcelino, principalmente os de menor idade, seis anos, teve mais dificuldade para assimilar o conteúdo (no mapa da sala de aula) e a proposta do “Mapear o eu”, na elaboração da legenda, mas com ajuda dos colegas de turma e das suas professoras gradualmente conseguiram entender e elaborar. Quiçá, a dificuldade seja decorrente do primeiro ou de pouco contato de alguns alunos do 1º Ano com um mapa. Ao mesmo tempo, constatou-se que a multisseriação favorece a troca de conhecimentos entre os alunos, no caso os alunos do 2º e 3º ano, subsidiando os alunos que não compreendiam como realizar a atividade (a legenda).

Quanto à turma do 4º Ano do IP, percebeu-se que há maior afinidade com a linguagem cartográfica, o que permite dizer que o processo de letramento cartográfico vem sendo realizado na escola de forma clara. Apesar disso, ainda não há um domínio da lateralidade por parte de alguns alunos, o que denota que o processo de alfabetização cartográfica está em construção. Portanto, faz-se necessário que os docentes realizem atividades na perspectiva da lateralidade, pois se trata de um conhecimento que será essencial para o aluno quando estiver aprendendo sobre localização e orientação espacial.

A partir dessa experiência de alfabetização cartográfica vivenciada em sala de aula com turmas de níveis e espaços diferentes, campo e cidade, pode-se afirmar que o processo de letramento cartográfico realizado a partir de uma prática pedagógica construtivista, além de tornar a aula mais dinâmica e interessante, favorece o maior domínio do sistema de símbolos e signos que formam a linguagem cartográfica, na medida em que o aluno elege seus próprios códigos e reflete sobre seus significados (decodificação), sua forma de pensar. Evidentemente,

a experiência relatada realizada de forma isolada não é capaz de alfabetizar cartograficamente, por isso houve a preocupação de orientar os professores quanto à condução das próximas atividades em sala de aula, que, como vimos, não precisa de muito material para elaboração, pois a principal fonte de conhecimento cartográfico do aluno deve partir do seu espaço vivido, desde um desenho animado até o cotidiano da sua rua e/ou bairro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela. Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos. In: ALMEIDA, Rosângela (org.). **Cartografia Escolar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ALMEIDA, Rosângela. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ALMEIDA, Rosângela; PASSINI, Elza. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLAR, Sonia. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.